

EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA
DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE

SIGMUND FREUD

Com os Comentários e Notas de
JAMES STRACHEY

Em colaboração com
ANNA FREUD

Assistidos por
ALIX STRACHEY e ALAN TYSON

VOLUME XXII
(1932-1936)

**NOVAS CONFERÊNCIAS INTRODUTÓRIAS
SOBRE PSICANÁLISE
E OUTROS TRABALHOS**

Direção da Edição Brasileira de
JAYME SALOMÃO

IMAGO EDITORA
Rio de Janeiro

Os títulos originais dos diversos trabalhos do presente volume estão referidos nas Notas do Editor Inglês (James Strachey), que precedem os mesmos.

Copyright under the international and Pan American Conventions

Copyright © Portuguese Translation by IMAGO EDITORA
1969 — All rights reserved.

Copyright © James Strachey — Annotations, editorial matter and arrangements 1969.

Tradução: José Luiz Meurer

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

F942o Freud, Sigmund, 1856-1939
24 vs. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira / Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alix Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. — Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Tradução de: *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*.
Apêndice.
Bibliografia.

1. Psicanálise. I. Strachey, James. II. Freud, Anna, 1895-1982. III. Título.

86-1114 CDD - 150.1952
CDU - 159.904.26FREUD

Reservados todos os direitos. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Editora.

2006

IMAGO EDITORA
Rua da Quitanda, 52/8º andar — Centro
20011-030 — Rio de Janeiro-RJ
Tel.: (21) 2242-0627 — Fax: (21) 2224-8359
E-mail: imago@imagoeditora.com.br
www.imagoeditora.com.br

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

SUMÁRIO

VOLUME XXII

NOVAS CONFERÊNCIAS INTRODUTÓRIAS SOBRE PSICANÁLISE (1933 [1932])

Nota do Editor Inglês	13
Prefácio	15
<i>Conferência</i>	
XXIX Revisão da Teoria dos Sonhos	17
XXX Sonhos e Ocultismo	39
XXXI A Dissecção da Personalidade Psíquica	63
XXXII Ansiedade e Vida Instintual	85
XXXIII Feminilidade	113
XXXIV Explicações, Aplicações e Orientações	135
XXXV A Questão de uma <i>Weltanschauung</i>	155

A AQUISIÇÃO E O CONTROLE DO FOGO (1932 [1931])

Nota do Editor Inglês	181
A Aquisição e o Controle do Fogo	183

POR QUE A GUERRA? (1933 [1932]) (Einstein e Freud)

Nota do Editor Inglês	191
Carta de Einstein	193
Carta de Freud	197

MEU CONTATO COM JOSEF POPPER-LYNKEUS (1932)

Nota do Editor Inglês	211
Meu Contato com Josef Popper-Lynkeus	213

SÁNDOR FERENCZI (1933)

Nota do Editor Inglês	221
Sándor Ferenczi	223

UM DISTÚRPIO DE MEMÓRIA NA ACRÓPOLE

CARTA ABERTA A ROMAIN ROLLAND POR OCASIÃO DE SEU
SETUAGÉSIMO ANIVERSÁRIO

Meu caro Amigo,

Vi-me na emergência de contribuir, com algo escrito, para a comemoração do seu setuagésimo aniversário, e fiz grandes esforços por encontrar algo que pudesse, de algum modo, ser digno do senhor e pudesse expressar minha admiração pelo seu amor à verdade, pela sua coragem nas suas crenças e por seu carinho e boa vontade para com a humanidade; ou, então, algo que pudesse testemunhar-lhe minha gratidão, como escritor que me tem proporcionado tantos momentos de enlevo e prazer. Mas foi em vão. Sou dez anos mais velho que o senhor, e minha capacidade de produção está no fim. Tudo o que posso encontrar para oferecer-lhe é o dom de uma criatura empobrecida que 'viu dias melhores'.

O senhor sabe que meu trabalho científico consistiu em elucidar manifestações incomuns, anormais ou patológicas da mente, isto é, atribuir sua origem às forças psíquicas que operam por trás delas e indicar os mecanismos em ação. Comecei tentando isto em mim próprio e então passei a aplicá-lo a outras pessoas e, finalmente, fazendo uma extensão ousada, a toda a raça humana. Durante os últimos anos, um fenômeno destes, que eu mesmo havia experimentado há uma geração atrás em 1904, e que eu jamais compreendera, passou a assediá-la minha mente.¹ De início, não vi o motivo desse fato; porém, afinal resolvi analisar o incidente — e agora presenteio o senhor com os resultados dessa investigação. No transcurso do que se segue, naturalmente terei de solicitar-lhe que dispense a alguns eventos de minha vida particular uma atenção maior do que eles de outro modo mereceriam.

Todos os anos, naquela época, em fins de agosto ou no começo de setembro, eu costumava, em companhia de meu irmão mais novo, partir em viagem de férias, que durava algumas semanas e nos levava a Roma, ou a alguma outra região da Itália, ou a alguma parte da costa do Mediterrâneo.

¹ [Freud fizera uma breve alusão a esse episódio uns dez anos antes, no Capítulo V de *O Futuro de uma Ilusão* (1927c), Edição *Standard* Brasileira, Vol. XXI, pág. 37, IMAGO Editora, 1974, mas não havia apresentado a explicação.]

Meu irmão é dez anos mais novo que eu, de modo que tem a mesma idade que o senhor — uma coincidência que só agora me ocorreu. Naquele ano, em particular, meu irmão me disse que seus negócios não lhe permitiriam manter-se afastado por muito tempo: uma semana seria o máximo que ele podia conseguir, e devíamos abreviar nossa viagem. Assim sendo, decidimos viajar via Trieste até a ilha de Corfu e passar ali os poucos dias de nossas férias. Em Trieste, ele visitou uma pessoa que conhecia dos seus negócios e que morava nessa cidade, e o acompanhei. Nosso anfitrião, no seu modo afável, perguntou a respeito de nossos planos e, ao saber que era nossa intenção ir a Corfu, advertiu-nos com veemência que não o fizéssemos: ‘Que é que os leva a pensar em ir lá, nesta época do ano? Seria quente demais para que pudessem fazer alguma coisa. Melhor seria se, em vez disso, fossem a Atenas. O navio do Lloyd parte hoje à tarde; lá os senhores terão três dias para ver a cidade, e, na viagem de volta, o navio os apanha novamente. Isto seria mais agradável e valeria mais a pena.’ /

Enquanto voltávamos dessa visita, estávamos ambos em um estado de espírito muito deprimido. Discutimos o plano que fora proposto, concordamos em que era quase impraticável e não víamos senão dificuldades na sua realização; supúnhamos, ademais, que não nos permitiriam desembarcar na Grécia sem passaportes. As horas que antecederam à abertura do escritório do Lloyd, passamo-las vagando pela cidade, num estado de ânimo aborrecido e indeciso. Mas, quando chegou a hora, dirigimo-nos ao guichê e compramos nossas passagens para Atenas, como se fosse tudo muito natural, sem nos preocuparmos em absoluto com as supostas dificuldades, e realmente sem havermos trocado idéias um com o outro acerca dos motivos de nossa decisão. Esse comportamento, deve ser dito, foi muito estranho. Posteriormente, reconhecemos que instantaneamente, muito rápido, aceitáramos a sugestão de irmos a Atenas em vez de Corfu. Não obstante, por que passamos o intervalo de tempo anterior à abertura dos escritórios num estado tão sombrio e não prevíamos senão obstáculos e dificuldades?

Quando, por fim, na tarde após nossa chegada eu me encontrava na Acrópole e pousava meus olhos sobre o cenário; um pensamento surpreendente passou rápido em minha mente: ‘Então tudo isso realmente existe mesmo, tal como aprendemos no colégio!’ Para descrever a situação de modo mais preciso, em mim essa pessoa que expressou esse comentário estava dividida, muito mais nitidamente dividida do que em geral seria perceptível, de uma outra pessoa que tomava conhecimento do comentário; e ambas as pessoas estavam surpresas, se bem que não com relação à mesma coisa. A primeira comportava-se como se estivesse obrigada, sob o impacto de uma

observação inequívoca, a acreditar em algo cuja realidade parecia, até então, duvidosa. Se me permito um ‘pequeno exagero, era como se alguém, caminhando na margem do Loch Ness, subitamente enxergasse a forma do famoso monstro encalhado na praia e se visse compelido a admitir: ‘Então realmente existe mesmo — a serpente marinha, na qual nunca acreditávamos!’ A segunda pessoa, por outro lado, com razão estava surpresa, pois desconhecia a possibilidade de que a existência real de Atenas, da Acrópole e do cenário em torno, alguma vez tivesse sido objeto de dúvida. O que essa pessoa estivera esperando era, preferentemente, alguma expressão de alegria ou admiração.

Ora, seria fácil argumentar que esse estranho pensamento que me ocorreu na Acrópole só serve para acentuar o fato de que ver algo com os próprios olhos é, afinal, coisa muito diferente de ouvir contar ou de ler a respeito. Mas continuaria sendo uma forma muito estranha de explicar um lugar-comum sem interesse. Ou então, seria possível afirmar que era verdade que, quando eu era um colegial, pensara estar convencido da realidade histórica da cidade de Atenas e de sua história, mas que a ocorrência dessa idéia na Acrópole justamente mostrara que, em meu inconsciente, eu não tinha acreditado, e que só agora estava adquirindo uma convicção que ‘atingia o fundo do inconsciente’. Semelhante explicação parece muito profunda, contudo é mais fácil de afirmar do que de provar; ademais, é muito mais passível de ataque em bases teóricas. Não. Creio que os dois fenômenos, a depressão em Trieste e a idéia na Acrópole, relacionavam-se intimamente. E a primeira, a depressão, é mais facilmente compreensível e pode ajudar-nos no sentido de explicar a segunda, a idéia.

A experiência em Trieste foi, também, como se pode notar, simplesmente uma expressão de incredulidade. ‘Vamos ver Atenas? Impossível! — vai ser difícil demais!’ A depressão concomitante correspondia a um lamento de que era impossível: teria sido tão lindo. E agora, sabemos onde estamos. Este é mais um caso de ‘bom demais para ser verdade’¹ que encontramos com tanta freqüência. É um exemplo da incredulidade que surge tantas vezes quando nos surpreendemos com uma boa notícia, quando sabemos que ganhamos um prêmio, por exemplo, ou que saímos vencedor, ou quando uma jovem vem a saber que o homem que ela amava em segredo pediu aos pais dela permissão para fazer-lhe a corte. /

Quando estabelecemos a existência de um fenômeno, o passo seguinte é, naturalmente, conhecer sua causa. A incredulidade, como essa que se

1 [‘Too good to be true.’ Em inglês, no original.]

verificou, é evidentemente uma tentativa de repelir uma parte da realidade há, porém, algo de estranho nesse fato. Não ficaríamos nem um pouco surpresos se uma tentativa dessa espécie tivesse como objetivo uma parte da realidade que ameaçasse causar desprazer: o mecanismo de nossa mente é, por assim dizer, planejado para funcionar segundo essas diretrizes. No entanto, por que haveria de surgir essa incredulidade com relação a algo que, pelo contrário, promete trazer um elevado grau de prazer? Conduta realmente paradoxal! Lembro-me de que, em uma ocasião anterior, tratei do caso parecido de pessoas que, conforme expressei, são 'arrasadas pelo sucesso'.¹ Geralmente as pessoas adoecem de frustração, da não-realização de alguma necessidade vital ou de um desejo. A estas pessoas, contudo, sucede o contrário; adoecem, ou, até mesmo, ficam aniquiladas, porque um desejo seu, excepcionalmente intenso, realizou-se. O contraste entre as duas situações não é tão grande como parece à primeira vista. O que acontece no caso paradoxal é simplesmente que o lugar da frustração externa é assumido por uma frustração interna. O sofredor não se permite a felicidade: a frustração interna ordena-lhe que se afeire à frustração externa. Mas por quê? Porque — esta é a resposta, em muitos casos — a pessoa não pode esperar que o Destino lhe proporcione algo tão bom. De fato, é outro exemplo de 'bom demais para ser verdade', é a expressão de um pessimismo do qual uma grande parte parece estar presente em muitos dentre nós. Em um outro grupo de casos, como naqueles que se arruinam com o êxito, encontramos um sentimento de culpa ou de inferioridade que pode ser traduzido assim: 'Não mereço tanta felicidade, não mereço.' Mas esses dois motivos são, em essência, o mesmo, por ser um apenas uma projeção do outro. Conforme há muito já se sabe, o Destino, que esperamos nos trate tão mal, é materialização de nossa consciência, do severo superego que há dentro de nós, sendo ele próprio um remanescente da instância primitiva de nossa infância.²

Isto, segundo penso, explica nosso comportamento em Trieste. Não podíamos acreditar que nos seria dada a alegria de ver Atenas. O fato de que a realidade que estávamos tentando repelir era, no início, apenas uma *possibilidade*, determinava o caráter de nossas reações imediatas. Quando, porém, estávamos na Acrópole, a possibilidade se tornara realidade, e a mesma descrença encontrou uma expressão diferente, todavia muito mais clara. Numa forma isenta de distorção, isto poderia ter sido expresso assim: 'Realmente, eu não poderia ter imaginado ser possível que me fosse dado ver

Atenas com meus próprios olhos — como indubitavelmente agora está ocorrendo!' Quando relembro meu vivo desejo de viajar e ver o mundo, que me dominava nos tempos de colégio e posteriormente, e quanto tempo se passara até que meu desejo se concretizasse, não me surpreendo com esse efeito retardado na Acrópole; eu tinha, então, quarenta e oito anos. Não perguntei a meu irmão mais novo se ele sentia algo dessa mesma natureza. Determinada dose de reserva envolveu todo o episódio; e foi isto que já interferira em nossa troca de idéias em Trieste.

Supondo que eu tenha adivinhado corretamente o significado do pensamento que me veio na Acrópole, e que realmente expressei minha alegre surpresa por me encontrar naquele lugar, a outra questão emergente é saber por que esse significado teve de estar sujeito, no pensamento, a um disfarce tão dissimulado e desorientador.

O tema essencial do pensamento — isto é, a incredulidade — realmente estava contido na própria distorção: 'Pela evidência dos meus sentidos, estou agora na Acrópole, mas não consigo acreditar nisto.' Essa incredulidade, essa dúvida quanto a um aspecto da realidade, estava, contudo, duplamente deslocada em sua expressão real: primeiro, estava atribuída ao passado e, segundo, estava transportada de minha relação para com a Acrópole, para a própria existência da Acrópole. E assim ocorreu algo que equivalia a uma afirmação de que, em certa época do passado, eu duvidara da real existência da Acrópole —, um fato que, no entanto, minha memória rejeitava como incorreto e, com efeito, impossível.

As duas distorções envolvem dois problemas independentes. Podemos tentar penetrar mais fundo no processo de transformação. Sem especificar, no momento, como foi que cheguei à idéia, partirei da suposição de que o fator original deve ter sido o sentimento do inacreditável e do irreal na situação daquele momento. A situação incluía a mim próprio, a Acrópole e a minha percepção dela. Eu não podia explicar essa dúvida; evidentemente, não podia ligar a dúvida às minhas impressões sensoriais referentes à Acrópole. Lembrei-me, contudo, de que, no passado, tivera uma dúvida a respeito de algo relacionado precisamente a esse local e, assim, encontrei o meio de deslocar a dúvida para o passado. Nesse processo, entretanto, o tema da dúvida foi modificado. Não só me recordei de que, em meus anos de jovem, duvidara se um dia haveria de ver a Acrópole, mas também afirmei que naquele tempo eu desacreditara da realidade da própria Acrópole. É justamente esse efeito do deslocamento que me leva a pensar que a situação atual na Acrópole encerrava um elemento de dúvida acerca da realidade. Certamente ainda não consegui tornar claro o processo; assim, concluirei dizendo,

1 [Seção II de 'Alguns Tipos de Caráter Encontrado no Trabalho Psicanalítico' (1916d.)]

2 [Cf. Capítulo VII de *O Mal-Estar na Civilização* (1930a), Edição Standard Brasileira, Vol. XXI, págs. 149-50, IMAGO Editora, 1974.]

em sinopse, que toda essa situação psíquica, de aparência tão confusa e tão difícil de descrever, pode ser elucidada satisfatoriamente supondo-se que, no momento, tive (ou poderia ter tido) um sentimento instantâneo: 'O que estou vendo aqui não é real.' Tal sentimento é conhecido como 'sentimento de desrealização' ['*Entfremdungsgefühl*'].¹ Fiz um intento de afastar esse sentimento, e o consegui à custa de uma falsa afirmação acerca do passado.

Essas desrealizações são fenômenos notáveis, ainda pouco compreendidos. Diz-se serem 'sensações', mas, evidentemente, são processos complexos, vinculados a conteúdos mentais peculiares e vinculados a operações feitas a respeito desses conteúdos. Surgem com muita frequência em determinadas doenças mentais, não sendo, contudo, desconhecidos entre pessoas sadias. Não obstante, são falhas do funcionamento² e são estruturas anormais, como os sonhos, os quais, apesar de ocorrerem normalmente em pessoas sadias, nos servem como modelo de distúrbio psicológico. Esses fenômenos podem ser observados sob duas formas: a pessoa sente que uma parte da realidade, ou que uma parte do seu próprio eu, lhe é estranha. Nesse último caso, falamos em 'despersonalização'; existe uma íntima relação entre desrealizações e despersonalizações. Existe mais um outro grupo de fenômenos que podem ser considerados como suas contrapartidas positivas — é o que se conhece como '*fausse reconnaissance*', '*déjà vu*', '*déjà raconté*', etc.³ ilusões em que procuramos aceitar algo como pertencente ao nosso ego, do mesmo modo como nas desrealizações, nos empenhamos em manter algo fora de nós. Uma tentativa ingênua e não-psicológica de explicar o fenômeno do '*déjà vu*' procura encontrar nele a prova de uma existência anterior de nosso eu (*self*) mental. A despersonalização leva-nos à extraordinária situação de '*double conscience*'⁴ que se descreve mais corretamente como 'personalidade dividida'. Tudo isso, contudo, é tão obscuro e tem sido tão mal dominado cientificamente, que tenho de me abster de lhe falar mais a respeito dessas coisas.

1 [Essa palavra tem sido traduzida de diversas maneiras em inglês. Henderson e Gillespie, em seu *Text-book of Psychiatry* (Quinta Edição, 1940), 102, usavam o termo 'derealization' ('desrealização') e fazem a mesma distinção que fez Freud entre esse termo e 'depersonalization' ('despersonalização') (em Freud '*Depersonalisation*').]

2 ['*Fehlleistungen*.' Essa palavra está comumente traduzida por 'parapraxias' na Edição *Standard*.]

3 [Freud discorreu sobre esses fenômenos por duas vezes, de forma um tanto detalhada: no Capítulo XII (D) de *The Psychopathology of Everyday Life* (1901b), *Standard Ed.*, 6, 265 e segs., e num artigo sobre '*Fausse Reconnaissance*' (1914a). Cf. também o 'véu' do Homem dos Lobos (1918b), Edição *Standard* Brasileira, Vol. XVII, pág. 96 e segs. e 124 e segs., IMAGO Editora, 1976.]

4 [Em francês, no original: 'consciência dupla'.]

Para os meus propósitos, ser-me-á suficiente retornar às características gerais dos fenômenos da desrealização. A primeira característica consiste em que todos eles servem ao objetivo de defesa; visam a manter algo distanciado do ego, visam a rechaçá-lo. Ora, novos elementos capazes de ensejar medidas defensivas acercam-se do ego oriundos de duas direções — do mundo externo real e do mundo interno dos pensamentos e impulsos que emergem no ego. É possível que essa opção coincida com a escolha entre desrealizações propriamente ditas e despersonalizações. Há um número extraordinariamente grande de métodos (ou, conforme dizemos, de mecanismos) utilizados por nosso ego na descarga de suas funções defensivas. Neste momento está sendo desenvolvida uma investigação, muito próxima de mim, dedicada ao estudo desses métodos de defesa: minha filha, analista de crianças, está escrevendo um livro a respeito deles.¹ O mais primitivo e mais verdadeiro representante desses métodos, a 'repressão', foi o ponto de partida de toda a nossa compreensão mais profunda da psicopatologia. Entre a repressão e aquilo que se pode chamar de método normal de afastar o que é aflitivo ou insuportável, reconhecendo, considerando, ajuizando e passando a uma ação adequada a respeito dessa mesma coisa, existe toda uma série de métodos de comportamento, mais ou menos claramente patológicos, por parte do ego. Posso fazer uma pausa momentânea, a fim de lembrar-lhe um caso relacionado a esse tipo de defesa? O senhor recorda-se do famoso lamento dos mouros de Espanha '*Ay de mi Alhama*' ['Minha pobre Alhama'], que refere como o rei Boabdil² recebeu a notícia de que sua cidade Alhama tinha sido tomada. Ele sente que sua perda significa o fim de seu reinado. Contudo, não permitirá 'que seja verdade', determina que se trate a notícia como '*non arrivée*'.³ Diz o poema:

'Cartas le fueron venidas
que Alhama era ganada:
las cartas echó en el fuego,
y al mensajero matara.'⁴

1 [Anna Freud, *The Ego and the Mechanisms of Defence* (1936).]

2 [Último rei mouro de Granada, no fim do século XV. Alhama, a 20 milhas de distância, era a fortaleza-chave da capital.]

3 [Freud usou a mesma expressão para qualificar esse processo defensivo na Seção I de seu primeiro artigo sobre 'The Neuro-Psychoses of Defence' (1894a), *Standard Ed.*, 3, 48, e, novamente, no Capítulo VI de *Inibições, Sintomas e Ansiedade* (1926d), Edição *Standard* Brasileira, Vol. XX, pág. 143, IMAGO Editora, 1976.]

4 ['Chegaram-lhe cartas dizendo que Alhama tinha sido tomada; jogou as cartas ao fogo e matou o mensageiro.']

É fácil perceber que um outro motivo para essa conduta do rei era sua necessidade de combater um sentimento de impotência ante a situação. Queimando as cartas e mandando matar o mensageiro, ele ainda tentava mostrar seu poder absoluto.

A segunda característica geral das desrealizações — sua dependência do passado, do repertório de recordações e de experiências angustiantes da infância, que talvez tenham sucumbido à repressão — não é aceita sem controvérsia. Mas justamente minha própria experiência na Acrópole, que realmente culminou num distúrbio de memória e numa falsificação do passado, ajuda-nos a demonstrar essa conexão. Não é procedente o fato de que, em meus tempos de colegial, eu, alguma vez, duvidasse da existência real de Atenas. Apenas duvidava se algum dia chegaria a ver Atenas. Parecia-me além dos limites do possível, eu, algum dia, viajar tão longe — eu ‘percorrer um caminho tão longo’. Isto se ligava às limitações e à pobreza de nossas condições de vida em minha adolescência. Minha ânsia de viajar, sem dúvida, era também expressão de um desejo de escapar daquela pressão, como a força que impele tantos adolescentes a fugirem de casa. Há muito tempo, compreendia claramente que uma grande parte do prazer de viajar se baseia na realização desses antigos desejos — isto é, tem suas origens na insatisfação com a casa e com a família. Quando, pela primeira vez, uma pessoa enxerga o mar, cruza o oceano e sente como realidades as cidades e os países que por tanto tempo tinham sido distantes, inatingíveis coisas desejadas, então a pessoa se sente como um herói que realizou feitos de inimaginável grandeza. Naquele dia, na Acrópole, eu podia ter dito a meu irmão: ‘Ainda se lembra, quando éramos jovens, como costumávamos caminhar, dia após dia, pelas mesmas ruas, em nosso caminho para a escola, e como todos os domingos costumávamos ir ao Prater, ou a alguma excursão, que conhecíamos tão bem? E agora, aqui, estamos nós, em Atenas, na Acrópole! Realmente, realizamos muitas coisas!’ Se me for facultado comparar esse pequeno evento com um outro, maior, também Napoleão, durante sua coroação como imperador em Notre Dame,¹ voltou-se para um de seus irmãos — deve ter sido, sem dúvida, o irmão mais velho, José — e observou: ‘O que *Monsieur notre Père* teria dito disto, se ele pudesse ter estado aqui, no dia de hoje?’

Nesse ponto, porém, deparamos com a solução do pequeno problema da causa pela qual, já em Trieste, interferíamos em nosso regozijo pela viagem

a Atenas. Pode ser que um sentimento de culpa estivesse vinculado à satisfação de havermos realizado tanto: havia nessa conexão algo de errado, que desde os primeiros tempos tinha sido proibido. Era alguma coisa relacionada com as críticas da criança ao pai, com a desvalorização que tomou o lugar da supervalorização do início da infância. Parece como se a essência do êxito consistisse em ter realizado mais do que o pai realizou, e como se ainda fosse proibido ultrapassar o pai.

Como acréscimo a esse motivo, cuja validade é geral, estava presente um fator especial, em nosso caso particular. O próprio tema referente a Atenas e à Acrópole continha provas da superioridade do filho. Nosso pai se dedicara ao comércio, não tinha tido instrução secundária, e Atenas podia não ter significado muito para ele. Assim, o que interferia em nossa satisfação de viajar a Atenas era um sentimento de *respeito filial*. E agora o senhor não mais haverá de se admirar de que a lembrança desse incidente na Acrópole me tenha perturbado tantas vezes, depois que envelheci, agora que tenho de ter paciência e não posso mais viajar.)

Com a estima de sempre,

SIGM. FREUD

Janeiro de 1936

¹ [Geralmente conta-se que esse fato ocorreu quando da sua investidura com a Coroa de Ferro da Lombardia, em Milão.]